

O AUMENTO DAS TAXAS DE DESEMPREGO DURANTE A CRISE BRASILEIRA EM 2015

DA ROSA, Gabriel Shimizu¹

RESUMO: A economia brasileira tem sofrido consequências internas e externas, desde uma fraca administração pública interna até as crises econômicas internacionais. Com isso, uma instabilidade é gerada no mercado brasileiro, afetando a área de produção, originando o desemprego, que seria a falta de emprego para pessoas que estão aptas para integrarem o mercado de trabalho. As taxas de desemprego têm aumentado e as vagas nas empresas, lojas, prestadoras de serviço tem diminuído, devido a uma recessão econômica que o país tem vivido. Mesmo com alguns setores como administração pública e pecuária – que tiveram um aumento significativo em seus setores – a decadência para todos os outros foi iminente, gerando uma produção negativa comparada a outros períodos passados, sendo considerada uma das piores situações já vividas pelo cidadão brasileiro. Em base de dados estatísticos, projeções podem ser feitas para meses, semestres e até anos seguintes, e por um tempo, não teremos nada muito agradável para reverter a situação atual.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil. Crise Econômica. Desemprego. Economia. PIB.

ABSTRACT:The Brazilian economy has been suffering from internal and external consequences, going through a weak public management to international crises. Considering that, the Brazilian market generates some sort of instability, affecting the manufacturing area, developing the unemployment, which is the lack of jobs to people that is capable of being part to the job Market. The levels of unemployment has increased and the working spots inside industries, shops, services has decreased, being consequence of an economic recession that Brazil is passing through. Even though that some sections have not been affected, like public management or livestock – sections that had increased significantly – the decrease that everyone else was unstoppable, causing negative production compared to other past periods, being considered one of the worst economic situations already lived by the Brazilian people. Based on statistical data, projections can be made for the next months, semesters or even years, and for a while, the situation is not going to be pleasant to reverse the current situation.

KEYWORDS: Brazil. Economic crises. Economy. GNP. Unemployment.

INTRODUÇÃO

O Brasil tem vivido uma recessão econômica, resultado de uma crise interna com fatores nacionais e internacionais, reflexo da situação de 2012, com consequências mais fortes nos dias atuais. Com isso, o número de desempregados aumentou devido à uma redução de

¹ Acadêmico do curso de Bacharelado em Administração da Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista – FAIP da Sociedade Cultural e Educacional do Interior Paulista. gshimizudarosa@gmail.com

vagas de emprego retirada pelos empregadores dos mais variados setores, com serviços, indústria e comércio.

Com um ganho percentual já importante pelo ano de 2014, o desemprego tem alcançado marcas expressivas no ano de 2015, o que ainda não parece ter chego no final – pelo menos não é o que se pode ter de conclusão tomando base os indicadores econômicos. O desemprego tem aumentado em todas as regiões brasileiras, mesmo com alguns setores tendo alta na empregabilidade. Tudo isso pode se considerar consequência da administração pública brasileira, crise econômica nacional, crise econômica com parceiros de negócio no exterior, altos custos em empregos formais, retrocesso no PIB, grande numero de pessoas procurando empregos contra um numero de vagas que só diminui.

Com isso, a população sofre um pouco mais em alguns setores e com gêneros e faixa etárias, observando que os mais jovens e mulheres andam com mais dificuldade em manter-se no emprego atual, além de sair um pouco maior para as pessoas que não completaram o ensino médio quanto ao numero de pessoas com ensino superior completo.

A falta de circulação de recursos também pode ser contada como um fator agravante pra situação, pois a falta de circulação de bens e dinheiro faz com que o mercado desaqueça e que o numero de empregos em setores que geram menos riquezas acabam sendo reduzidos.

Este artigo tem como base informações e noticias, além de dados estatísticos, demonstrar mais de perto, de forma concreta, qual a situação atual do país quanto ao quadro econômico. São apontadas as causas da falta de empregabilidade, porque foram geradas e quais serão as possíveis consequências em um período de até um ano futuro. Além disso, esse documento tem caráter descritivo e informativo, procurando somar informações e conhecimentos para alunos, professores, profissionais da área ou até pessoas que se interessem por esse tipo de tema.

1. TIPOS DE DESEMPREGO

A instabilidade na economia brasileira tem se dado perante três tipos de fatores: crises internas e externas, má gestão pública e a inflação. Quanto às crises que o país vive, além de estarmos vivenciando uma crise que foi acarretada por problemas nacionais, internacionais e

consequências de medidas governamentais passadas, tem tido o crescente número de desempregados como resultado final.

A má gestão pública que se atrela diretamente com as crises, não proporcionam um processo de melhoria para manter ou ampliar o número de empregos disponíveis no mercado de trabalho. Por último, a inflação entra como um meio de segurar a situação, que não é nada confortável. Com a desvalorização do mercado nacional junto com a moeda nacional, os preços ditados pelos concorrentes e parceiros de negócio acabam gerando uma defasagem na economia brasileira, fazendo que empresas e indústrias dispensem seus trabalhadores como um método de economia para conseguir passar pela crise.

O desemprego é um problema que tem assolado o Brasil nesses últimos meses, tendo uma ênfase maior nesse primeiro semestre de 2015. O desemprego nada mais é que a falta de emprego para pessoas que estariam ativas no mercado de trabalho. O desemprego em si é caracterizado de quatro maneiras diferentes:

- Estrutural - desemprego natural, que condiz com a demanda de trabalhadores e o número de empregos disponíveis no mercado. A influência econômica também é um fator para esse tipo de desemprego.
- Conjuntural – desemprego sazonal, ocorre em alguns períodos de ciclos econômicos diferentes.
- Friccional – parte do desemprego natural, os trabalhadores se desempregam de algum lugar para se empregar em outro.
- Voluntário – o desemprego gerado pela vontade do colaborador de querer se desligar da empresa.

Com isso, o Brasil tem vivido uma mescla de desempregos estruturais e friccionais, lembrando que um está ligado ao outro, se tratando que essa grande crise e crescimento das taxas de desemprego nacional estão ligadas aos pontos negativos de crescimento do PIB nos últimos 2 anos (taxas que não foram “alcançadas” desde a década de 30), falta de circulação de renda na economia nacional, atrelada à decadência de vendas para o comércio exterior e uma inflação longe de estar controlada.

2. TAXAS DE DESEMPREGO E LOCAIS MAIS AFETADOS

A taxa de desemprego do ultimo trimestre chegou ao patamar de 8,3%, sendo maior que os 8,1% do trimestre que se encerrou em maio, taxas que são reflexo de uma crise econômica que teve seu pacato inicio em 2012.

A conta é simples: o Brasil tem um crescente no número de pessoas que estão no mercado de trabalho e as vagas nem se quer conseguem se manter, muito pelo contrário, estão sendo fechados vários postos de emprego.

Teve aumento da desocupação provocado por maior procura e a geração de postos de trabalho não alcança toda essa população procurando trabalho. Há pressão forte sobre o mercado de trabalho, que é reflexo do cenário econômico. O cenário econômico não atende a demanda. (AZEVEDO, Cimar - coordenador de trabalho e rendimento do IBGE)

A média de renda per capita diminuiu 0,5% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. Junto dessa crise econômica, a fraqueza politica e baixa confiança no governo são pontos que assolam a situação atual. Segundo o Ministério do Trabalho, foram fechadas 157.905 vagas de empregos formais no mês de julho, sendo a pior taxa desde 1992. Meio milhão de vagas de emprego foram fechadas no ultimo ano.

Essas vagas estão divididas em alguns setores, porem os mais afetados são: indústria da transformação - quase metade dos cortes foram nesse setor nos últimos sete meses; comércio - redução de 214 mil vagas, só nesse primeiro semestre de 2015; construção civil, extração mineral, serviços também completam esse setor de corte de vagas. Os setores de administração pública e agropecuária sofreram a situação inversa com um saldo positivo quanto a geração de empregos durante a mesma data, tendo gerado mais de 120 mil empregos

No segundo trimestre deste ano, 8 milhões de pessoas procuraram emprego no país, uma taxa 23,5% maior que no mesmo período do ano de 2014, com um incremento de 1,5 milhão de pessoas.

O aumento da taxa de desocupação vem em função da maior procura por trabalho, mas a geração de vagas não alcança isso. Ela é bem inferior ao que seria necessário para manter a taxa estável ou até mesmo fazer a taxa entrar em declínio. (AZEVEDO)

3. REGIÕES DO BRASIL ESTÃO SENDO AFETADAS DE MANEIRAS DIFERENTES

As diferenças também se deram entre as regiões brasileiras. A região sudeste teve um aumento de 0,3% em relação aos 3 primeiros meses do ano, chegando a 8,3% a população desempregada, muito além dos 6,9% registrados no ano anterior. Na região sul, a taxa de 5,5% se torna maior que os 5,1% do primeiro trimestre deste ano, além de ser superior aos 4,1% no mesmo período de 2014.

No nordeste, região onde apresenta a maior taxa percentual de desemprego, superou os 9,3% do primeiro trimestre do ano, chegando a 10,3% nos últimos 3 meses, taxa essa que era de 8,8% no mesmo período do ano passado. O centro-oeste teve a menor alavancagem entre os 2 primeiros trimestres de 2015, aumentando dos 7,3% dos primeiros 3 meses para 7,4% de abril a junho, superior aos 5,6% da mesma época, de 2014.

Por fim, na região norte do Brasil, a situação é um pouco diferente do que ocorreu nas outras regiões, a taxa de desemprego decaiu de 8,7% para 8,5% de um trimestre para o outro, porém mais alto que em 2014, onde a taxa era de 7,2%.

Dividindo por gênero e idade, o desemprego entre o público jovem – 18 a 24 anos - e as mulheres é maior. As mulheres têm uma taxa de 9,6% contra 6,6% dos homens, e os jovens atingem uma média de 17,6%, mais do que o dobro estimado na média nacional. Além disso, o desemprego é algo mais forte entre os empregados que não completaram o ensino médio, ao contrário daqueles que possuem nível superior completo, que acaba participando da menor parcela de desempregados da nação.

Com isso, o aumento do número de empregados com carteira assinada é bem maior do que era na década de 90, o que faz com que os empresários e donos de negócios se policiem para realizar uma contratação, pois um funcionário é mais caro para a empresa hoje em dia do que era antes. Por isso, as vagas atuais são mais voltadas a empregos que paguem menos do que os empregos com salários medianos ou altos.

Hoje a gente tem um grau de formalização muito mais alto na economia do que na segunda metade da década de 1990. Apesar da gente estar observando o aumento rápido do desemprego, esse aumento poderia ter sido muito maior se a gente tivesse o contingente maior de informais. Elas estão reduzindo muito as admissões. E as novas contratações estão sendo principalmente de empregos de baixo salário e bem menos de empregos de salário mediano a alto. (MOURA, Rodrigo Leandro de - economista do IBRE/FGV.)

4. RETRAÇÃO DO PIB, QUEDA DE SERVIÇOS E AUMENTO DA AGROPECUÁRIA.

Após os últimos 2 trimestres finais de 2014, com crescimento de 0,2% e 0,3%, a situação volta a ser negativa nesse início de ano, agora com 0,2% e um possível 1,9% nesse segundo semestre.

Tudo isso se dá ao reflexo dessa falta de capital humano no mercado de trabalho, produzindo e girando a economia nacional. A queda nesse primeiro trimestre do ano se dá ao fato de que os serviços descaíram em 0,7%, o que representa mais de 60% do PIB brasileiro, além do recuo industrial de 0,3%. A agropecuária entra no cenário como uma vertente para amenizar o resultado final, tendo um crescimento de 4,7%.

O consumo família caiu em 1,5%, calculo este que também faz parte do PIB nacional, além dos investimentos e gastos do governo, tendo uma queda de 1,3% em ambos os setores. No setor internacional, o número de transações é um pouco mais animador: a importação cresceu 1,2% e a exportação 5,7%.

Na parte negativa [pela ótica da produção], está a produção e distribuição de eletricidade, gás e água, já que estamos tendo redução no consumo de água e, além disso, estamos, desde o segundo trimestre do ano passado, usando muito mais as térmicas do que vínhamos usando antes, e isso afeta negativamente também. A gente teve aumento de juros. A Selic alcançou 12,2% ao ano no primeiro trimestre de 2015, contra 10,4% ao ano no primeiro trimestre de 2014. E o IPCA, quando a gente faz a comparação do primeiro trimestre de 2015 contra o mesmo período do ano anterior, também teve aceleração. E isso tudo prejudicou o consumo das famílias. (PALIS, Rebeca de La Rocque - coordenadora de Contas Nacionais do IBGE.)

Além dessa retração registrada nos primeiros 3 meses do ano, a situação não é favorável economicamente entre abril e julho. Ocorreu, devido a esse período, o que é chamado de “recessão técnica”, que seria a retração do PIB em 2 trimestres seguidos. O IBC-Br (Índice de Atividade Econômica) aponta uma prévia de que o PIB desse segundo trimestre teve uma queda de 1,89%.

O mercado financeiro ainda acredita que o ano de 2015 fechará com um PIB negativo em 2,0% e que possivelmente 2016 ainda seja um ano negativo, terminando com 0,15%, indicando uma possível ativação dos mercados nacionais e uma economia mais aquecida, recolocando vagas de trabalho que deixaram de existir nesses últimos 2 anos, com uma ênfase maior nesse primeiro semestre de 2015.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instabilidade econômica que tem tomado conta do Brasil nesses últimos 3 anos tem sido obra de decisões tomadas no passado. Mesmo que o país tenha passado pela primeira década do século com certa tranquilidade, interna e externamente, algumas consequências estão vindo à tona no momento, junto com crises em alguns setores, sendo um dos mais importantes e que tem mais tido reflexo na sociedade: o desemprego.

Todas as regiões do Brasil têm suas taxas de desemprego muito maiores do que os últimos anos, tendo perdido mais de 500.000 vagas. Com mudanças na contratação legal do trabalhador, a dispensa se tornou algo mais difícil de ocorrer por ser realmente dispendioso ao contratante e burocrático, mas com a situação atual, tem sido uma lógica benéfica, pensando em manter o patrimônio ativo.

A situação pode ser revertida em mais de uma solução, porém não há nada que aponte que teremos uma reviravolta rápida, já que os cálculos para o ano de 2016 continuam negativos, porém melhor que 2015. Caso o governo se mantenha, as soluções para a diminuição da taxa de desemprego se dará por possíveis incentivos fiscais e produtivos para empresas em indústrias, visando aumentar o número de pessoas dentro do mercado produtivo. As negociações governamentais também trariam novos empregos de volta: com o aumento de transações nacionais e internacionais, uma nova gama de trabalhadores fará parte desse setor por se tornar algo maior.

Esse artigo foi elaborado de forma qualitativa, embasado em obras literárias a fim de demonstrar teorias que abrangem o caso, como desemprego e economia, sendo tirado dos livros Economia (Walter J. Wessels – 4ªed.), Economia Brasileira Contemporânea (Amaury Gremaud; Marco Vasconcellos; Rudinei Júnior – 7ªed) e Micro e Macroeconomia – Uma Abordagem Conceitual e Prática (Maura Montella – 2ªed.).

Também foram pesquisadas notícias atuais, que demonstram a situação atual em primeira mão. Esses artigos foram encontrados nos sites da revista exame e da g1, escrito pelos jornalistas Rodrigo Gaier, Indiana Tomazelli, Talita Abrantes, Sandra Passarinho, Anay Cury, Cristiane Caoli, Alexandri Martelo, além da redação do site RBA. Dentre essas matérias, foram citados e utilizados os conhecimentos de Cimar Azevedo, Rodrigo Moura e Rebeca Palis, brasileiros influentes no mundo da economia.

Em adição a essas informações, o material usado na aula de macroeconomia com o Prof. Ronaldo Arruda, do 6º termo de administração de empresas da faculdade FAEF-FAIP foram de total relevância e imprescindíveis para a sintetização desse artigo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GAIER, Rodrigo Viga. **Desemprego no Brasil sobe a 8,3% no 2º tri e bate record.** In: Exame.com Revista Exame Online. Ago. de 2015. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/economia/noticias/desemprego-no-brasil-sobe-a-8-3-no-2o-tri-e-bate-recorde> Acesso em 25 de Agosto de 2015 as 15h40

TOMAZELLI, Indiana. **Geração de vagas é insuficiente, diz IBGE.** In: Exame.com Revista Exame Online. Ago. de 2015. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/economia/noticias/geracao-de-vagas-e-insuficiente-para-manter-taxa-estavel-diz-coordenador-do-ibge> Acesso em 25 de Agosto de 2015 as 15h40

ABRANTES, Talita. **As cidades que lideram os cortes de empregos em cada setor.** In: Exame.com Revista Exame Online. Ago. de 2015. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/as-cidades-que-lideram-os-cortes-de-empregos-em-cada-setor#> Acesso em 25 de Agosto de 2015 as 15h40

PASSARINHO, Sandra. **Taxa de desemprego no Brasil foi a mais alta em dois anos, diz IBGE.** In: G1 globo.com. Maio de 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/05/taxa-de-desemprego-no-brasil-foi-mais-alta-em-dois-anos-diz-ibge.html> Acesso em 25 de Agosto de 2015 as 15h40

CURY, Anay; CAOLI, Cristiane. **Economia brasileira recua 0,2% no 1º trimestre de 2015, diz IBGE.** In: G1 globo.com. Maio de 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/05/economia-brasileira-recua-02-no-1-trimestre-de-2015-diz-ibge.html> Acesso em 25 de Agosto de 2015 as 15h40

MARTELLO, Alexandro. **'Prévia do PIB' do BC indica contração no 2º trimestre e recessão.** In: G1 globo.com. Ago. de 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/08/previa-do-pib-do-bc-indica-contracao-no-2-trimestre-e-recessao.html> Acesso em 25 de Agosto de 2015 as 15h40

RBA, Redação. **Desemprego sobe 'fora de época', com ajuste feito pelas empresas.** In: RBA Rede Brasil Atual. Ago. de 2015. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/economia/2015/08/desemprego-sobe-com-ajuste-feito-pelas-empresas-3048.html> Acesso em 27 de Agosto de 2015 as 17h15

WESSELS, Walter. **Economia.** Capítulo 6. Inflação e Desemprego. Páginas 66-78. 2ª edição. Traduzido do inglês Economics 3rd edition. Editora Saraiva, São Paulo, 2003

GREMAUD, Amaury; VASCONCELLOS, Marco; JÚNIOR, Rudinei. **Economia Brasileira Contemporânea.** Capítulo 4. Desemprego e mercado de trabalho. Páginas 80-92. Capítulo 5. Inflação. Páginas 95-111. 7ª edição. Editora Atlas, São Paulo, 2009.

MONTELLA, Maura. **Micro e Macroeconomia – Uma Abordagem Conceitual e Prática.** Parte II – Macro, 127. 2ª edição. Editora Atlas, São Paulo, 2012.